MONTAGEM. Noel e uma de suas obras: "É um quebra-cabeça que está submetido a proporções geométricas"

LINHAS TRAÇADAS

Aos 88 anos, Noel Marinho inaugura painel de azulejos em mostra na Gávea e lembra os tempos em que trabalhou com Corbusier, Lucio Costa e Niemeyer

POR **CAROLINA RIBEIRO**
carolina.ribeiro@oglobo.com.br

Todo dia, ele faz tudo sempre igual. Noel Marinho, de 88 anos, sacode-se às 6h da manhã e senta à mesa para tomar café acompanhado de um bloquinho cheio de rabiscos. Desenha sujeitos caricatos e traça composições geométricas.

— Ele sempre foi das madrugadas — conta a arquiteta Patrícia Marinho, sua filha, sobre o hábito de Noel de praticamente já sair da cama desenhando.

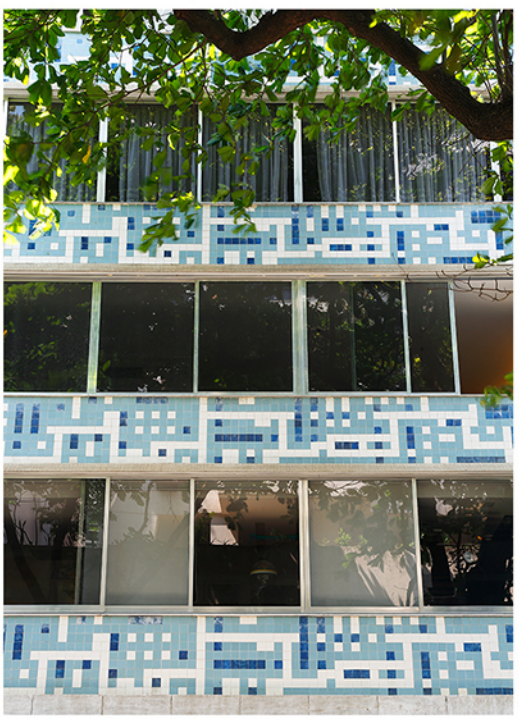
Com os cabelos brancos arrepiados e óculos de armação moderninha, Noel está a todo vapor. Mora e trabalha no primeiro andar de um edifício sem elevador no Leblon, em que funciona seu escritório e onde bate ponto uma turma jovem. Outra mania é a de confiscar a lata de lixo do prédio ("Para o nosso desespero", diz Patrícia) atrás de sobras de cartolina para fazer colagens. Com o material, cria novos mosaicos geométricos. É incansável. Pinta telas coloridas no mesmo estilo.

— Esse quadro tem quatro posições. Não gostou da primeira? Passa para a "b", "c" ou "d" — sugere Noel, girando o suporte. — É um quebra-cabeça que está submetido a proporções geométricas.

Pede ajuda a duas arquitetas e faz adaptações dos desenhos no computador. Assim surgem painéis de azulejos, projetados por Noel desde 1957, quando, a convite do arquiteto Elias Kaufman, deu cor à fachada de um prédio em Ipanema, que resiste até hoje. O trabalho mais recente é um mural instalado num pátio modernista, na mostra Casa Cor, na Gávea, em ambiente assinado pela filha em parceria com Manuèle Colás.

FOTOS DE DIVULGAÇÃO

JANELA DA ALMA. Obra de cinco metros de extensão na Casa Cor: "Abri uma janela no painel para integrar a natureza ao projeto", diz ele



MARCA REGISTRADA.
Fachada de prédio em Ipanema, criada em 1957 a convite do arquiteto Elias Kaufman

Em tons de mostarda, azul, branco e cinza, o mural de cinco metros de extensão tem um quadrado vazado, integrado ao jardim.

— Cheguei lá (*na Casa Cor*) e vi que tinha todo aquele verde em volta. Então, abri uma janela no painel para integrar a natureza ao projeto — explica.

A arte de encaixar quadradinhos é só um capítulo da história de Noel. Recém-formado no curso de Arquitetura, em 1952, embarcou numa viagem com dois amigos para a Europa. Rodaram França, Suécia, Finlândia e outros países de bicicleta. Estampou páginas de jornais cariocas com a aventura. De volta ao Brasil, anos depois, trabalhou com os arquitetos Lucio Costa e Oscar Niemeyer na construção de Brasília.

— Eu tive a felicidade de ter participado. Foi uma experiência excepcional. Montamos uma superequipe para construir a primeira cidade tecnicamente planejada para ser uma capital da República — lembra Noel. — Olhar a cidade é uma coisa inerente da formação do arquiteto.

Também tem seu nome como coadjuvante em projetos como o Instituto Moreira Salles, de Olavo Redig, e a Ilha do Fundão, de Fernando Moreira.

— Procurava os grandes arquitetos para ir trabalhando junto — conta.

Dentre as ilustres oportunidades da vida, a de que mais se orgulha é a parceria com Corbusier. Se não lhe falha a memória, em 1954, durante o Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, em Aix en Provence, na França. Fez um escambo para pagar a inscrição no evento se oferecendo para trabalhar. Na ocasião, Corbusier foi chamado para pintar um painel e precisou de um ajudante que segurasse uma bandeja com tintas e pincéis. Lá estava ele.

— Corbusier já era uma estrela. Até segurar bandeja era um privilégio — frisa Noel. ●